



Caderno de Cultura

Nódoa no Brim

HILDA HILST: CARNE, ENCANTO E PALAVRA

Natália Marques (PPGEL/ UNEMAT)



Adentrar no universo hilstiano é invadir uma reserva de linguagem quase inexaurível, multifacetada, em que prosa, poesia, crônica, conto e teatro constituem “uma só múltipla matéria” a perturbar a norma literária que prescreve as competências e incompetências da escrita. Considerada pela crítica especializada como uma das maiores escritoras em língua portuguesa do século XX, Hilda Hilst (1930-2004) percorreu inúmeros gêneros literários, tendo sido capaz de envolver todos estes em um único texto: foi da poesia à prosa, do teatro à crônica.

Dona de uma vasta e consistente obra, composta de mais de quarenta livros, Hilst não escreveu por distração, em seus escritos, procurou sempre tratar e inquirir sobre questões existenciais e metafísicas. Em entrevista publicada no jornal O Estado de São Paulo (1975), revela: “[...] Quero ser lida em profundidade e não como distração, porque não leio os outros para me distrair, mas para compreender, para me comunicar. Não quero ser distraída. [...]. Parece que as pessoas querem livrar-se assim de si mesmas, que têm medo da ideia, da extensão da metafísica de um texto, da pergunta, enfim.” (HILST, 1975, p. 30).

Devido ao caráter denso e metafísico de suas obras, por estar sempre buscando respostas e questionando sobre a morte, sobre Aquele Outro, Pássaro-Poesia e sobre a existência humana, foi por muitas vezes considerada uma escritora erudita, pois seus escritos exigem certo conhecimento filosófico; tal fato ocasionou um não reconhecimento de sua obra tanto por parte de leitores como também do mercado editorial, que apresentava certa resistência em publicar suas obras. Insatisfeita, Hilda passou a vida queixando-se da falta de leitores, haja vista que almejava o reconhecimento e que estes pudessem chegar à essência – e, assim, compreendessem a plenitude – de seus escritos.

Sonhos de Cirilo

Rolando Correia de Brito

Lembro de um sonho. Ele me pareceu claro nos minutos em que fiquei acordado, mas dormi em seguida, perdendo o que um demônio revelou. Eu caminhava por uma rua escura, não era propriamente a rua de uma cidade, apenas um caminho de terra. As sombras lembravam recortes negros de casas, não tenho certeza se eram mesmo edifícios ou árvores. Os sonhos mexem com a minha ambivalência entre o campo e a cidade. Caminhava e sentia alguém se aproximando por trás de mim, os passos firmes de quem pisa um calçamento, porém o chão era mesmo de terra molhada, acabo de lembrar o cheiro forte de chuva. Essa pessoa que se confundia com o negrume da noite soprou duas sentenças no meu ouvido. Eu precisava me decidir por uma delas, fiz minha escolha, não recordo qual foi, em seguida soltei um gemido forte. Álvaro garante que uivei, um uivo longo e fino, todos na Casa escutaram. Precisava vencer o torpor que se segue aos pesadelos, levantar-me e anotar o que ouvira e falara, pois talvez se tratasse de uma revelação, algo que me ajudaria a transpor as dificuldades com que me deparo, mesmo que fosse uma revelação de Satanás. A sonolência me venceu e adormeci imediatamente, ficando apenas algumas imagens vagas, isso que o professor de psiquiatria chama de conteúdos oníricos.

O sonho de nove dias depois é mais rico em detalhes, embora eu tenha demorado a anotá-lo e perdido boa parte das impressões. Nele, retorno por uma estrada de terra aos Inhamuns, a uma casa cuja arquitetura não corresponde à do meu pai e sim à do meu avô paterno, numa outra fazenda. Na encruzilhada que leva à casa eu me deparo com um cego folheando um livro aberto entre as pernas. Ele veste uma camisola de tecido grosso e rude, os cabelos e a barba são longos e desgrenhados. Paula e Leonardo me acompanham, mas eu não os vejo, sinto apenas a presença deles. Sei as razões que me conduziram até ali: consultar o cego sobre passagens obscuras de minha vida. Olho as páginas do livro e só enxergo mapas, vários rios correndo e longas estradas de barro. Nunca imaginei que existisse tamanha fartura de água nas terras áridas do sertão, pois nas gravuras as serras aparecem cobertas de vegetação calcinada. Os mapas se confundem com outros desenhos em movimento, não reconheço a paisagem e choro porque ela se transformou desde que a vi pela última vez. Agito-me e esqueço o mais importante do sonho, as revelações feitas pelo velho. Pago seu trabalho com uma nota de cinco, ele corre exultante por dentro da casa de meu avô, até alcançar um alpendre nos fundos, de onde se atira num precipício, desaparecendo. A sensação é a mesma de quando eu arremessava um balde num poço fundo e escuro, ouvia o barulho do choque contra a superfície líquida, supunha pela tração na corda que ele já enchera e o deixava afundar mais, perder completamente o peso, só voltando a adquirir resistência quando eu o içava de volta. Não lastimo o desaparecimento do velho, já estou numa outra cidade contemplando um mar escuro, que mais parece um lago sem ondas. Falo a Leonardo e Paula de minha surpresa ao descobrir um oceano em pleno sertão. Eles reclamam da água fria, imprestável para o banho. Enfio meu pé na superfície espessa e afirmo que a água é tépida. Eles já não me escutam, saíram às compras no comércio. Ando sem rumo pela cidade de construções retangulares e encontro um grupo de cinco meninos sentados em volta de uma mesa, em frente à empanada de um teatro de bonecos. Conversamos bastante, penso em ajudá-los, mas não sei de que maneira. Todos parecem sonolentos, alguns deitam em bancos compridos, outros se recostam em mim. Um dos meninos se levanta e dá início à representação. O teatro se agiganta de repente, cresce em escadarias de madeira, pisos e sacadas. Descubro que os bonecos representam pessoas conhecidas. Um deles sou eu, preso dentro de uma moldura suspensa na beira do fosso da orquestra. O menino manipulador ameaça soltar o fantoche amarrado por fios. Quando ele faz isso, percebo que a imagem em queda livre é a de Nossa Senhora. Ela cai das alturas lá embaixo, nas profundezas do fosso, bela, luminosa e cercada de anjos. Cai, cai e se perde. Acordo em pânico.

Noutro pesadelo, Paula e eu estamos numa festa fora do Recife, não sei que lugar é aquele, parece um hotel; isso mesmo, é um hotel de férias. Paula entra com um colega nosso, um cara de quem eu gosto, ele se chama Mário; sempre que olho para ele acho-o sujo, como se tivesse suado e não trocasse a roupa. Sinto ciúme do cara, o sentimento me desagrada, registro a sensação de angústia e o posterior alívio que experimentei ao acordar. Paula cacheou os cabelos, é bem estranho o rosto dela com a auréola de cachos, achava impossível que se formassem anéis naqueles cabelos lisos de índia, mas eles foram enrolados e isso me desagrada porque sempre gostei de correr os dedos nos fios lisos gordurosos. Ela não presta atenção em mim, nem sei onde o inconsciente pescou esse Mário para o meu sonho, imagino que tem alguma coisa a ver com mar e rio, talvez eu esteja levando a sério a psicanálise lacaniana ou ande obcecado pelo desejo de atirar-me no rio e sair no mar. Mas o cara não tem nada a ver com o rio nem com o mar em que penso afogar-me, só se for uma praga de Paula, vingança por conta das insinuações que fiz sobre Leonardo e Sílvio, uma puta sacanagem. Abandono a festa saturada de gente e entro num carro preto com aspecto de coche funerário. Ligo o carro — eu nem sei dirigir — e ele move-se para trás. Conheço um abismo a bem poucos metros e deixo o carro seguir, espero apenas escutar nossa explosão no precipício. O coche misterioso desce pelos obstáculos do abismo, parece ter pés e pernas e caminhar numa pista asfaltada. Anda por trilhas e vai dar numa casa singela, em meio à paisagem montanhosa. Desço num alpendre largo, olho dentro de uma sala onde moram nove pessoas, homens e mulheres portadores de paralisia cerebral. Como tive essa informação não se explica, faz parte do sonho, sei do número nove, mas não avisto todos os doentes. Quem me atende são duas garotas morenas de cabelos encaracolados, elas se incluem entre os nove paralíticos, embora sejam saudáveis e belas. Tenho uma pergunta a formular, porém desperto. A angústia cede, reconheço a cama enjamburada da Casa. Álvaro, Leonardo e Carlos dormem ao meu lado.



Caderno de Cultura
"Nódoa no Brim"

Realização: **Diário da Serra**
O DIA-NOVA DA NOTÍCIA **MT**
ISSN 2238-6467



UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso em Estudos Literários



Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários
PPGEL

EDITORES

Walnice Vilalva é Pós-doutora em literatura pela USP, e doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. É professora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Lilian Reichert Coelho é doutora em Letras. É professora da UNIR e colaboradora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

Samuel Lima da Silva é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários- PPGEL.

Maria Madalena da Silva Dias é graduada em letras e possui mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Fabiola Tormes, direção e jornalismo do Diário da Serra.

site: <http://www.nodoanobrim.com.br/>
e-mail: wdiaspino@gmail.com
ENDEREÇO
Av. Tancredo Neves, 1247-W, Jardim do Lago II • Tangará da Serra - MT CEP: 78300-000
Fone (65) 3326-4724 Fax 3326-6501

HILDA HILST: CARNE, ENCANTO E PALAVRA

Natália Marques (PPGEL/ UNEMAT)

Entretanto, com o anúncio da 16ª edição da **FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty)**, o maior festival de literatura do Brasil, que acontecerá entre 25 e 29 de julho de 2018, Hilda Hilst será a terceira mulher a ser homenageada. Por meio dessa notícia, já é possível acompanharmos certa inquietude do público, tantos em relação aos leitores quanto às editoras, que estão reeditando e lançando edições especiais de suas obras e, assim, talvez, o que 2018 poderá oferecer de mais sublime será esse estranho ser que Hilst buscou a vida inteira: os leitores.

Hilda Hilst dedicou-se à literatura ao longo de cerca de cinquenta anos, compondo uma obra multifacetada e singular. Na poesia, percorreu o campo do sagrado, da morte e do desejo, construindo sentidos que se contrapõem e se entrelaçam em um mesmo lugar e na voz de um eu lírico que concebe imagens poéticas que se referem criativa e simbolicamente a uma constante ausência e também a um caráter transitório do corpo e da alma, que agitam, incomodam e movimentam a poeta. Sua primeira obra poética, intitulada *Presságio* (1950), foi lançada quando a **autora** tinha apenas vinte anos e ainda era estudante da Faculdade de Direito do Largo São Francisco (USP). A partir daí, surgem várias obras no campo da poesia, fundamentais para se compreender o processo e a evolução da escrita da autora; obras como *Roteiro do silêncio* (1959), *Trovas de muito amor para um amado senhor* (1960) e *Ode fragmentária* (1961) consagram a escrita poética de Hilda na literatura brasileira.

Em *Do desejo* (1992), depreende-se o período central do auge da poesia da autora, pois, nesta obra, reúnem-se alguns dos poemas mais densos e coesos de sua obra poética. Marcada pelos embates entre o mais alto/o mais baixo, alma/corpo, gozo/tormento, sagrado/profano e pelas incertezas e abismos das interrogações metafísicas, Hilda expressa que a condição da permanência do desejo é uma dolorosa via de destruição do humano (“DESEJO é um Todo lustroso de carícias/ Uma boca sem forma, um Caracol de Fogo./ DESEJO é uma palavra com a vivez do sangue/ E outra com a ferocidade de Um só Amante./ DESEJO é Outro./ Voragem que me habita”). (HILST, 2004, p. 24).

Na década seguinte, dando uma pausa aos escritos poéticos, Hilda Hilst iniciou, no ano de 1967, sua escrita na dramaturgia, com a série composta de oito peças teatrais que escreveria até 1969, são elas: *A empresa*, *O rato no muro*, *O visitante*, *Auto da barca de Camiri*, *As aves da noite*, *O novo sistema*, *O verdugo* e *A morte do patriarca*. No teatro, o fio condutor de suas obras é marcado pelo jogo entre a poesia e a ética, entre proferir sobre o que é da esfera do “de dentro”, do íntimo e, simultaneamente, sugerir uma saída que evoca um novo posicionamento dos indivíduos não apenas em relação a si mesmos, mas também no que concerne ao outro. Rubens da Cunha, escritor e crítico teatral e um dos pesquisadores da obra dramática de Hilda Hilst, revela que “a perenidade e a força cada vez mais atual do teatro hilstiano é o seu mergulho no poético. As peças são dramas calcados na palavra, cheias de comiseração, pessimismo, mas também repletas de esperança e daquela utopia de que a poesia nos proporcionará a grande mudança, a revolução necessária”.

A ficção surgiu somente a partir de 1970, com a publicação da obra *Fluxo-Floema*, e, logo em seguida, *Qadós* (1973), ambas de grande importância para a composição do projeto estético da prosa hilstiana. Ainda que seus escritos acompanhem as tendências da escrita contemporânea brasileira, Hilda Hilst renova e transgride as formas e o padrão estético da linguagem literária, fazendo uso de uma escrita anárquica, isto é, da capacidade de envolver vários gêneros literários em uma obra só. O romance epistolar, os cantares bíblicos, a poesia mística, a cantiga galaico-portuguesa se fazem presentes em grande parte da obra da autora, que se mostra capaz de fundir, em um só texto, todos os gêneros que pratica, além de referências externas. Eliane Robert Moraes (2003), uma das maiores pesquisadoras sobre prosa erótica no país,

compreende tal anarquia nos escritos de Hilst como uma prosa degenerada, em que a autora subverte as leis literárias, criando uma obra cujos gêneros se degeneram, alteram-se e se constituem proporcionando novas significações ao texto.

Após a publicação de várias obras que marcaram sua trajetória literária na prosa – *Tu não te moves de ti* (1980), *A obscena senhora D* (1982), *Com meus olhos de cão* (1986), entre várias outras –, Hilda Hilst estiliza a sua própria medida e anuncia o seu “adeus à literatura séria”, apresentando um acervo que difere de tudo o que já havia escrito. Cansada da imagem de escritora hermética, passou a tratar de forma crua do sexo, sem se preocupar com a linguagem e com os padrões morais e éticos da sociedade; nasceu então, a sua tetralogia obscena.



Apesar do tema do erótico e pornográfico já ter aparecido muitas vezes em seus poemas e em outros escritos, foi somente com as publicações das obras *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990), *Contos d'escárnio/ Textos grotescos* (1990), *Cartas de um sedutor* (1991) e *Bufólicas* (1992), o único em poesia, que Hilda intencionou de forma mais direta questões relacionadas ao sexo, ao corpo e ao prazer. Foi com suas “bandalheiras”, como preferia nomear tais escritos, que Hilst subverteu os valores morais e éticos, como também o padrão literário de escrita. Fazendo uso de uma linguagem escrachada, com alto teor sarcástico e com críticas mordazes às políticas estéticas literárias e à sociedade moralista e repressiva da época, conseguiu envolver o gozo transgressor da sexualidade com temas existenciais, ou, nas palavras da própria autora, a “putaria das grossas” com a metafísica.

Ler os escritos de Hilda Hilst, seja a poesia, o teatro, a ficção ou a prosa erótica, é adentrar em um mundo afetivo e metafísico de palavras carregadas de sentido e críticas, é desnudar os limites do lugar comum, do que está posto e enraizado como arte literária. A escrita de Hilda Hilst é rara e suas possibilidades de leitura aqui apresentadas abrem um campo de conexões que podem se renovar infinitamente. Os escritos de Hilda Hilst permanecem vivos, a espera de novos leitores, olhares e percepções.

AMORES PERROS, DE ALEJANDRO GONZÁLEZ IÑÁRRITU: NUANCES SELVAGENS DO HOMEM E DO MUNDO

Ivana Ferigolo Melo (PPGEL/UNEMAT)



Orquestrado a partir de uma estética crua, que valoriza o lado escuro, problemático, cruel da vida, o impecável filme **Amores perros** (Amores brutos, em português), do renomado diretor mexicano Alejandro González Iñárritu, impacta, choca, incomoda o expectador, tirando-o de sua zona de conforto.

Três grandes narrativas ambientadas na *Ciudad de México*, que em determinado momento se cruzam, compõem a trama dessa excelente produção cinematográfica. Brutas, bárbaras, vivências humanas experimentadas por personagens de diferentes classes sociais são colocadas em cena no filme. Sugerindo que a brutalidade humana independe da classe social, o filme problematiza, de forma muito complexa, a vida humana seja na instância particular, familiar ou social. Convida-nos a olhar com cuidado e a partir de várias arestas para o homem e reduz, assim, qualquer tendência à idealização de soluções simples, rápidas e fáceis para problemas sociais, familiares e existenciais.

Apesar de conter muita ação, **Amores perros** é longo. As cenas que o compõem são demoradas fazendo o expectador contemplá-las e esquadrihá-las por extensos momentos. O intuito dessa estratégia compositiva parece ser, predominantemente, o de impactar o expectador, sensibiliza-lo, levá-lo a refletir com profundidade, com tempo, sobre o que se coloca em cena no filme. Sem sombra de dúvidas, *Amores perros* é uma ótima opção para aqueles que buscam desfrutar de uma bela, excelente, chocante produção cinematográfica e refletir estimulados pelos efeitos impactantes da arte.

Livro de Cabeceira **Meu Destino é pecar – Nelson Rodrigues (Suzana Flag)**

Polyana Sampaio da Silva Scrimim (PPGEL/UNEMAT)

Para a escrita de Nelson Rodrigues não cabe meio termo: é amor ou ódio. As peças teatrais surgem como cartão de visita para a apreciação de sua produção literária, a recomendação nesta ocasião, no entanto, não refere-se ao gênero dramático, mas sim ao romance-folhetim. **Meu Destino é pecar** (1944), sua obra inaugural como folhetinista, foi escrita sob o pseudônimo de Suzana Flag, autora de cinco de seus oito romances, e chegou aos leitores capítulo a capítulo nas páginas de *O jornal*.

Nesta criação dispomos de quase tudo que denominam como trivialidades românticas, porém, ainda que o leitor pouco saiba desse escritor compreenderá que nada produzido por Nelson Rodrigues caracteriza-se deste modo. Um casamento declaradamente incitado por questões financeiras desencadeia a história de Paulo, um viúvo bêbado, grosseiro e de unhas sujas, e Leninha, uma jovem magricela, ingênua e sonhadora que vivem a partir daí em uma fazenda repleta de seres singulares. O espaço bastante limitado reúne sogras cruéis, madrastas insensíveis, conquistadores fatais, empregados devotados, famílias rivais, filhos subservientes, deficientes físicos, loucos e mulheres apaixonadas, figuras nada heroicas e de certa forma comumente desprezíveis em um universo aparentemente caótico, induzindo o leitor a talvez duvidar da existência de um enredo que comporte todas elas. Nesta atmosfera misteriosa de crimes e segredos familiares todas as previsões tornam-se inconcebíveis. O narrador difunde a inconstância das personagens e as delinea de modo grosseiro mediante descrições e diálogos aparentemente rasos, todavia não há superficialidade quando se trata da narração de paixões humanas.

Em *Meu destino é pecar*, Nelson Rodrigues não deixa de imprimir o clima trágico característico de suas peças, contudo as particularidades do romance atribuído a Suzana Flag são

apreendidas. Ler Nelson é sempre uma surpresa e nada melhor que conhecer esse autor de mulheres notáveis por uma obra em que ele se transveste de um pseudônimo feminino. É no mínimo provocativo. Leia Nelson Rodrigues!

